A cerâmica de retícula brunida do castro dos Ratinhos (Moura)

Teresa Júdice Gamito*

Resumo

Entre os materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, encontram-se estas cerâmicas com decoração brunida provenientes do castro dos Ratinhos, um impressionante povoado fortificado dominando um vasto troço do Guadiana e o acesso à foz do Ardila que, como sabemos, constituiu uma das vias de penetração para as regiões de Rio Tinto e Huelva. Eduardo Serrão conta-se entre os primeiros arqueólogos a chamarem a atenção do meio arqueológico peninsular para estas cerâmicas salientando a sua importância na caracterização do Bronze Final/Ferro Inicial na Península Ibérica. Trata-se, na verdade, de um artefacto muito específico do Sudoeste peninsular, e portanto um dos seus traços culturais mais característicos.

Este trabalho procura rever a problemática desta cerâmica no seu contexto geral da Península Ibérica e com referência particular ao castro dos Ratinhos (Moura) e, ainda, chamar a atenção para a coincidência dos padrões geométricos e nos seus aspectos decorativos e cronológicos, que se encontram entre estas cerâmicas e os torques de ouro maciço do Sudoeste Peninsular. Este aspecto vem, mais uma vez corroborar a ideia que vimos defendendo de que se tratava já de uma identidade sociocultural tão importante e específica do Sudoeste da Península Ibérica, exactamente aquela à qual os autores clássicos designaram por **Tartessos**!

Abstract

Among the artifacts kept in the National Museum of Archaeology, in Lisbon, we found these brunished wares, also presenting a burnished decoration, from castro dos Ratinhos. This is an impressive fortified hillfort dominating a vast part of the

* Professora catedrática, directora do Departamento de História e Arqueologia da Universidade do Algarve, 8000 Faro.

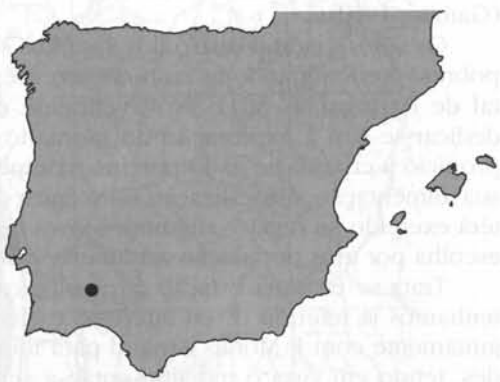
O Arqueólogo Português, Série IV, 8/10, 1990-1992, p. 277-297.

Guadiana river and the mouth of the Ardila, one of its tributaries, which in the past constituted one of the natural access routes to the rich mining areas of Rio Tinto and Huelva. Eduardo Serrão was the first archaeologist to call the attention of the archaeological milieu to these ceramics as characteristic wares from the Southwest of the Iberian Peninsula. It is indeed a very specific artifact of this region, and therefore one of its most important cultural features in Late Bronze Age/Early Iron Age.

We try here to bring together all the problems connected with this type of ceramics in its general context and in particular with castro dos Ratinhos (Moura). We also call the attention to the coincidence of decorative geometric patterns present on these ceramics and the golden torcs of the Southwest of the Iberian Peninsula, which also follow a similar chronological time-span. This aspect emphasises the idea we have been defending that there was already by this time an important and specific socio-cultural entity in this area of the Iberian Peninsula, the very same one that was named by the classical authors as TARTESSOS!

1. **Introdução**

Há já quase duas décadas, Eduardo da Cunha Serrão, então ainda plenamente embrenha do no problema da génese e cronologia das cerâmicas de ornatos brunidos que havia encontrado em grande abundância na Lapa do Fumo



(Sesimbra), contou-nos que o Prof. Manuel Heleno lhe havia mostrado um dia, durante uma visita que efectuara ao então Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos, hoje Museu Nacional de Arqueologia, uma série de fragmentos de cerâmica desse tipo provenientes de um "castro" da região de Moura, que guardava ciosamente numa gaveta da sua secretária. Após a aposentação do Prof. Heleno, quando o seu ilustre sucessor Prof. D. Fernando de Almeida franqueou generosamente as portas das galerias dos reservados do referido museu aos alunos então finalistas da licenciatura de História que frequentavam o seu "Seminário" de Arqueologia, J. Morais Arnaud encontrava-se entre eles tendo então tido oportunidade de observar estes fragmentos de cerâmica brunida. Em vão procurou mais tarde estes materiais, que então lhe haviam chamado a aten-

ção não só pela sua participação nas escavações da Lapa do Fumo, como por se encontrar, no momento, envolvido no estudo do vasto povoado fortificado da Coroa do Frade nos arredores de Évora (Arnaud, 1979) cuja escavação iniciou em 1971, e onde também encontrou uma certa abundância de cerâmicas de ornatos brunidos.

Foi só em 1981, durante os trabalhos de inventariação e reorganização das colecções do MNA, que as referidas cerâmicas foram reencontradas por João Ludgero Gonçalves que, sabendo do nosso interesse pelo assunto, nos chamou a atenção para o facto, o que muito agradecemos[1]. Fragoso de Lima refere a ocorrência deste tipo de cerâmicas no castro dos Ratinhos em 1960[2] as quais voltam a ser novamente mencionadas por Schubart em 1971 e 1975, bem como por Coffyn em 1985.

O castro dos Ratinhos (figs. 1 e 2) encontra-se situado sobre uma colina isolada, na margem esquerda do Guadiana, no concelho de Moura, dominando uma das curvas do rio, com uma larga visão sobre o seu curso a montante, incluindo a foz do Degebe, e a jusante até à foz do Ardila, sobre a qual se encontra o castro da Azougada, que se avista a sul. A sua localização, segundo o sistema de Gauss, é 215366.56. Provavelmente fazia parte do sistema de controlo desse troço do Guadiana e articulava-se com outros povoados da Idade do Ferro, nomeadamente o castro da Azougada, no domínio dos acessos ao Ardila, que, como sabemos, era uma das vias de escoamento e de intercâmbio dos recursos económicos da região para e com as zonas de Rio Tinto e Huelva (Gamito, 1990).

Os solos, onde o castro dos Ratinhos se encontra implantado, são xistosos e pobres, predominando as culturas arvenses de sequeiro (Carta agrícola e florestal de Portugal, F. 501). Provavelmente na Proto-História, os seus habitantes dedicar-se-iam à exploração do montado, de abundante riqueza cinegética, e propício à criação de gado porcino, complementando com os recursos fluviais a sua alimentação. A localização estratégica do castro e o controlo, que certamente terá exercido na região, afiguram-se-nos terem sido as causas dominantes da sua escolha por uma população certamente numerosa.

Trata-se de uma estação arqueológica praticamente ainda inédita, embora tenhamos já referido o seu interesse e efectuado uma prospecção de superfície juntamente com J. Morais Arnaud para identificar os seus limites e potencialidades, tendo em vista o trabalho então a ser realizado e pensando desenvolvê-lo futuramente. Foi também nessa ocasião que obtivemos o seu levantamento na escala de 1:2000, através dos Serviços Geográfico-Cadastrais, que apresentamos um pouco mais adiante (fig. 3).

[1] Na verdade, já iniciáramos então intenso trabalho de prospecção de campo ao longo do Guadiana, e de gabinete no Museu Nacional de Arqueologia, nomeadamente estudando os materiais dos castros da Idade do Ferro do concelho de Moura, tendo em vista a elaboração da tese de doutoramento, posteriormente apresentada na Universidade de Cambridge.

[2] J. Fragoso de Lima, investigador interessado nos vestígios arqueológicos do seu concelho (Moura), publicou os resultados das suas investigações no jornal local, e ainda em (Lima, 1960). As suas obras foram compiladas na publicação da Câmara Municipal de Moura integrada na homenagem que lhe foi feita (Lima, 1988).

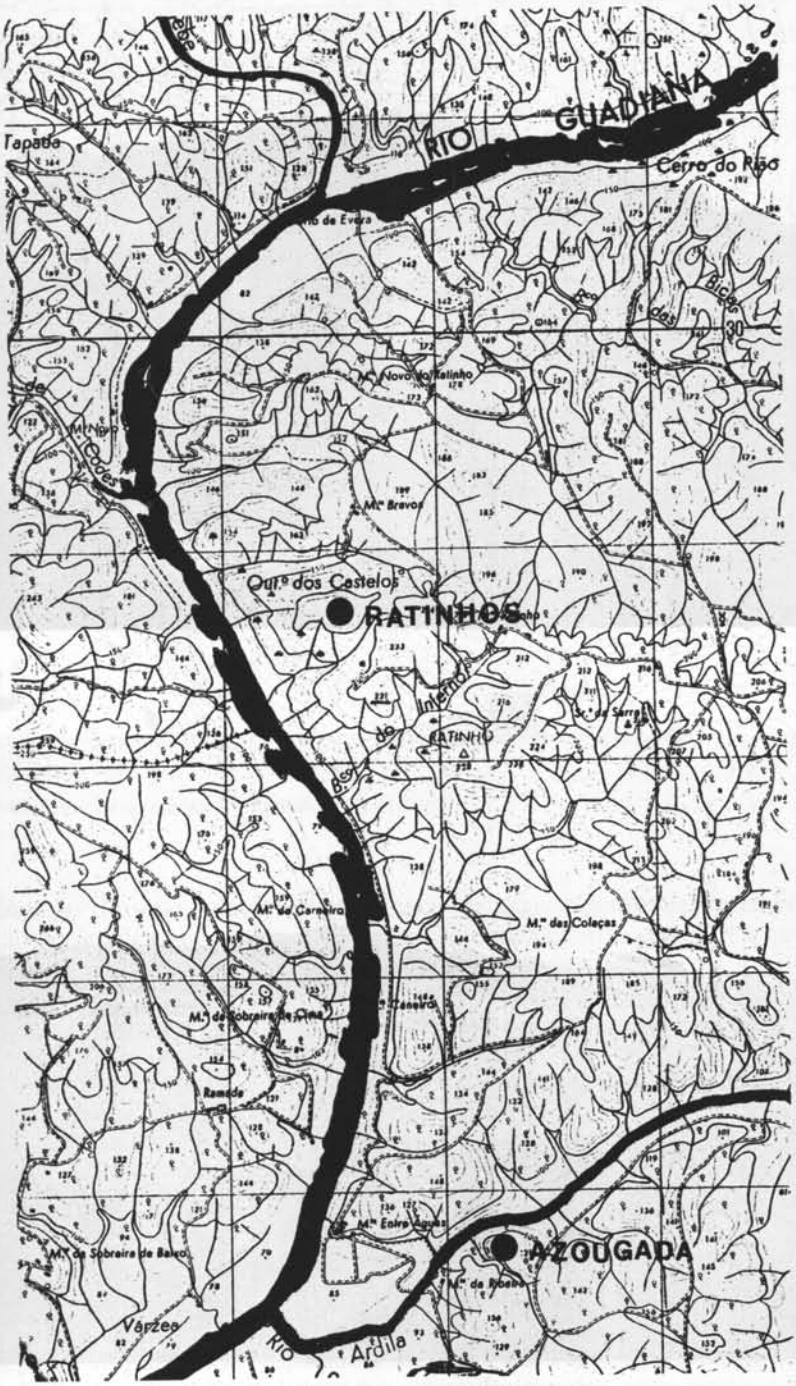


Fig. 1 – Localização do castro dos Ratinhos (redução para 1/3 da carta militar 1:25 000).

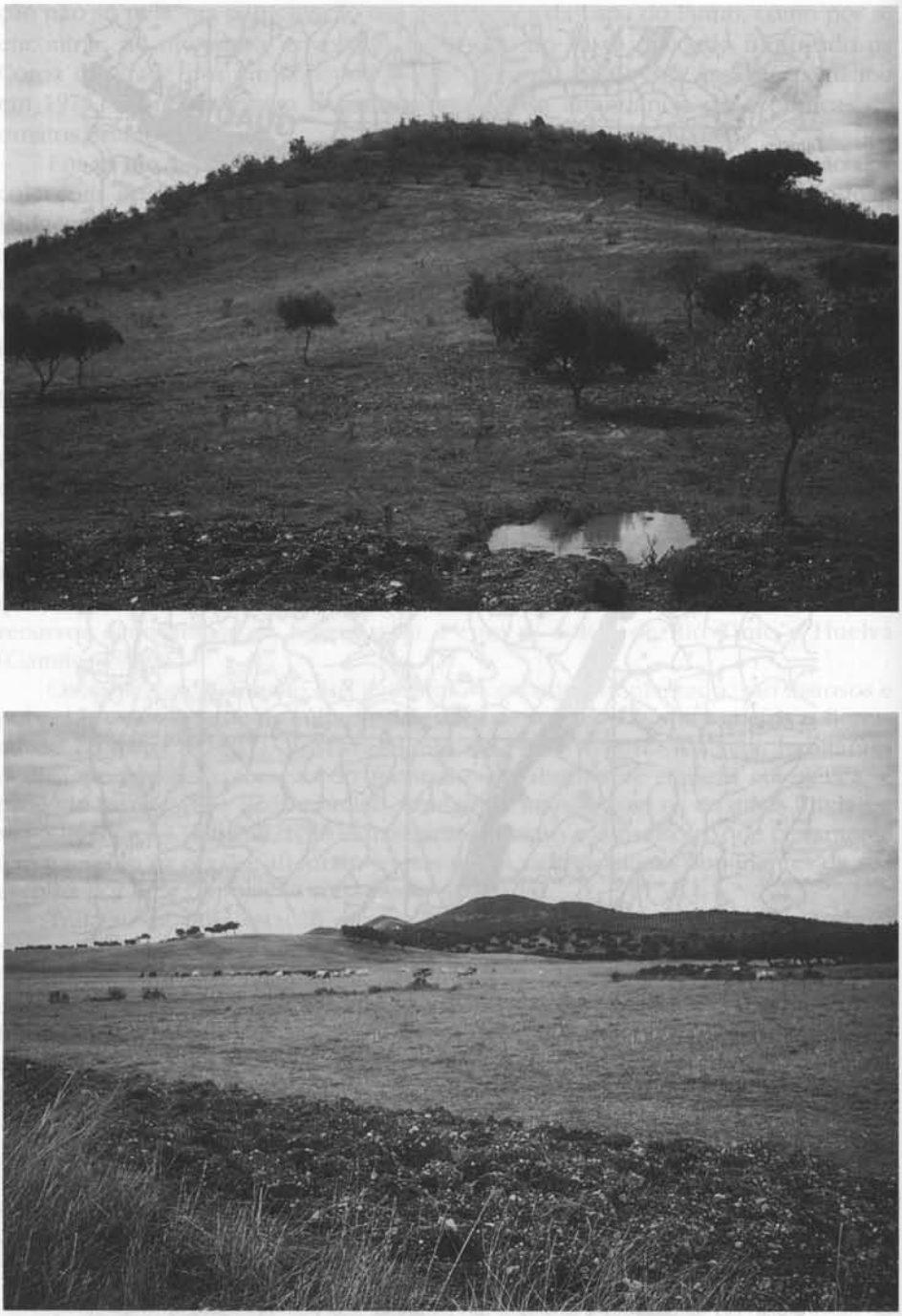


Fig. 2 – Dois aspectos do castro dos Ratinhos.

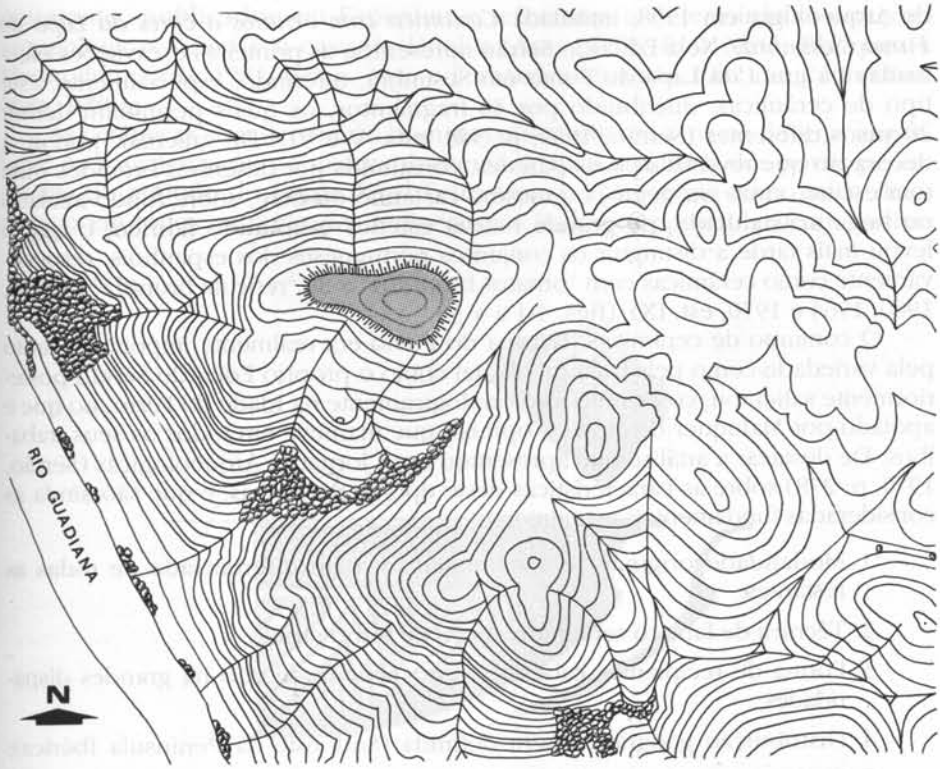


Fig. 3 – Localização do castro dos Ratinhos. Esc. 1:4000.

Trata-se de uma estação arqueológica de grande interesse, quer pela sua situação geográfica quer pela sua interligação com as outras estações arqueológicas da mesma época que temos estudado. A cerâmica de retícula brunida, de que é objecto este estudo, não se encontra suficientemente divulgada entre nós, sendo de salientar ter sido Eduardo Serrão o primeiro arqueólogo peninsular a chamar a atenção de todo o meio arqueológico para este tipo de cerâmicas. Por outro lado, o estudo da evolução cultural dos povos do Sudoeste peninsular entre os séculos VIII e VI a.C. e nesta região em particular, também não se encontra ainda suficientemente aprofundado, pelo que este trabalho constituirá ainda numa contribuição nesse sentido.

2. As cerâmicas de retícula brunida do Sudoeste peninsular

A primeira publicação especialmente dedicada a este tipo peculiar de cerâmicas do Bronze Final/Ferro Inicial foi a contribuição de Cunha Serrão (1958) na revista Zephyrus e, pouco depois, a sua comunicação no I Congresso Nacional

de Arqueologia em 1958, intitulada *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)*. Nela Eduardo Serrão apresentou as primeiras escavações efectuadas na gruta da Lapa do Fumo em Sesimbra, referindo, especialmente, este tipo de cerâmicas, distribuído por 36 fragmentos, os quais permitiam definir 20 vasos diferentes (Serrão, 1959, p. 348, ests. V e VI). De salientar, porém, a decoração que revestia as suas paredes, constituída por desenhos brunidos num tom escuro, cinza ou negro, ou mesmo castanho ou ocre, sobre fundo azulado ou bege acastanhado, de grande beleza estética e apurado fabrico, o que o levou mais tarde a distinguir os conjuntos portugueses dos espanhóis, respectivamente como cerâmicas com "ornatos brunidos" e de "retícula brunida" (Serrão, 1960, 1964 e 1970, est. IX), (figs. 4-1 a 4-3).

O conjunto de cerâmicas da Lapa do Fumo era realmente importante tanto pela variedade como pela quantidade, tal como o próprio Eduardo Serrão posteriormente salientou, colocando-as cronologicamente na Idade do Ferro, no que é apoiado por Maluquer de Motes[3], opinião que manteve em todos os seus trabalhos. De destacar a análise que apresentou nas I Jornadas Arqueológicas (Serrão, 1970, p. 278) sobre as características deste tipo de cerâmicas, e que são ainda as consideradas fundamentais actualmente:

"1. Modalidade original de ornamentação, bem diferenciada de todas as restantes;

2. Técnica de fabrico sem intervenção de torno rápido;

3. Forma de recipientes cabendo numa série onde não há grandes disparidades;

4. Distribuição geográfica bem definida (Sudoeste da Península Ibérica);

5. Posição cronológica das jazidas onde as cerâmicas em causa aparecem, cabendo num lapso de tempo cujos limites não estão muito afastados."

Posteriormente Hermanfried Schubart dedicou grande atenção a esta cerâmica, distinguindo duas áreas principais da sua distribuição no Sudoeste peninsular, cada uma com um tipo específico de decoração: a Estremadura portuguesa e a zona do Guadalquivir, com a possibilidade de se distinguir ainda um outro tipo, ocorrendo entre estas duas regiões geográficas, que se afigura como uma zona de contacto entre as outras duas atrás mencionadas (Schubart, 1971, 1975, p. 138-144). Carmen López Roa fez um estudo formal destas cerâmicas da zona do Guadalquivir seguindo, nas suas linhas gerais, a distinção entre as cerâmicas portuguesas e as espanholas, considerando, no entanto, uma subdivisão nas cerâmicas espanholas: cerâmicas de Huelva (o seu tipo A e A') e as cerâmicas do Baixo Guadalquivir (o seu tipo B e B'). Esta distinção foi baseada, essencialmente, nos perfis das carenas mais ou menos acentuadas e nos padrões decorativos, embora não tenha feito referência a qualquer dos trabalhos de Eduardo Serrão (López Roa, 1977). Outros trabalhos pontuais foram,

[3] Tal como J. Maluquer de Motes lhe manifestou nesse mesmo I Congresso Nacional de Arqueologia onde apresentou também uma comunicação sobre El Carambolo, estação arqueológica que também apresentava cerâmicas idênticas.

entretanto, publicados em Espanha, e referentes a determinadas estações arqueológicas como é o caso de Huelva (Amo, 1973; Ruiz Mata, Blazquez e Martin de la Cruz, 1981; Belen, Amo e Fernandez-Miranda, 1982) ou Cádis (Ruiz Mata, 1986).

As cerâmicas com decoração brunida constituem um aspecto deveras importante na caracterização do desenvolvimento técnico e cultural dos povos peninsulares do período do Bonze Final/Ferro Inicial, aparecendo como traço diagnóstico em todos os povoados indígenas do Sudoeste peninsular, com ligeiras

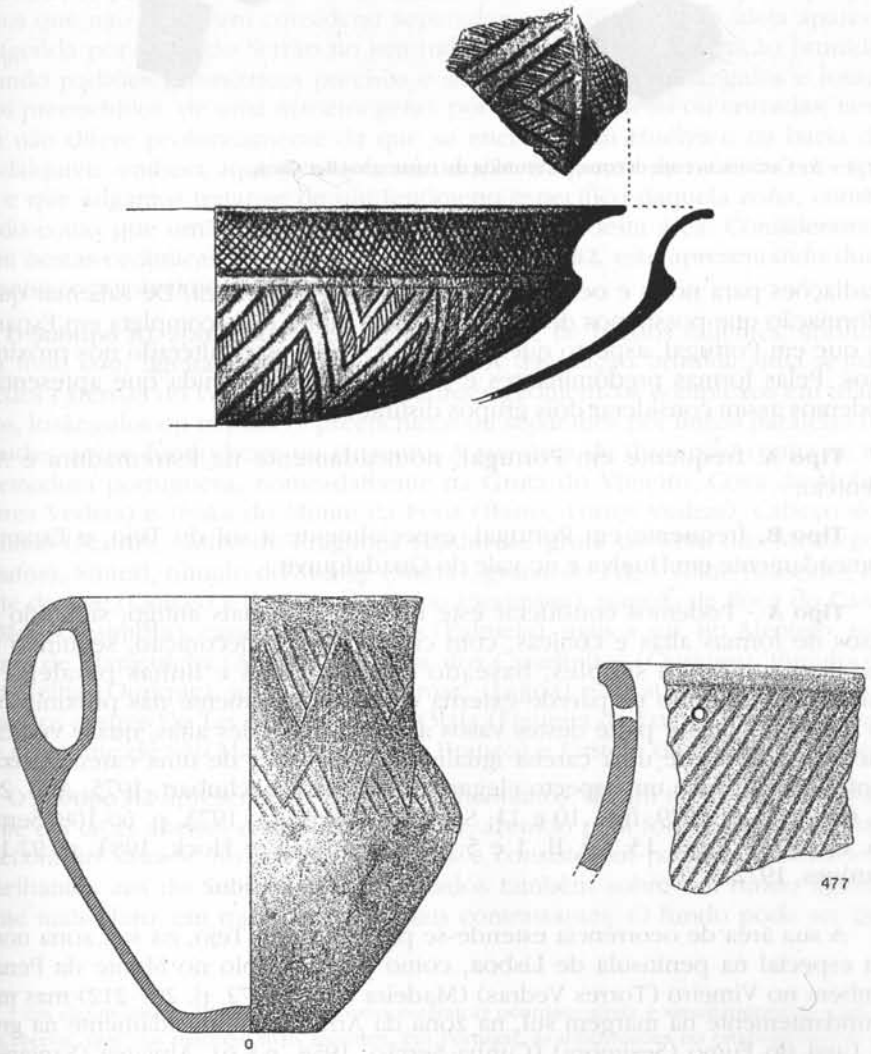


Fig. 4 – 2 - Exemplos de cerâmicas brunidas de tipo A, Alpiarça e Castelo do Giraldo, segundo Schubart (1975).

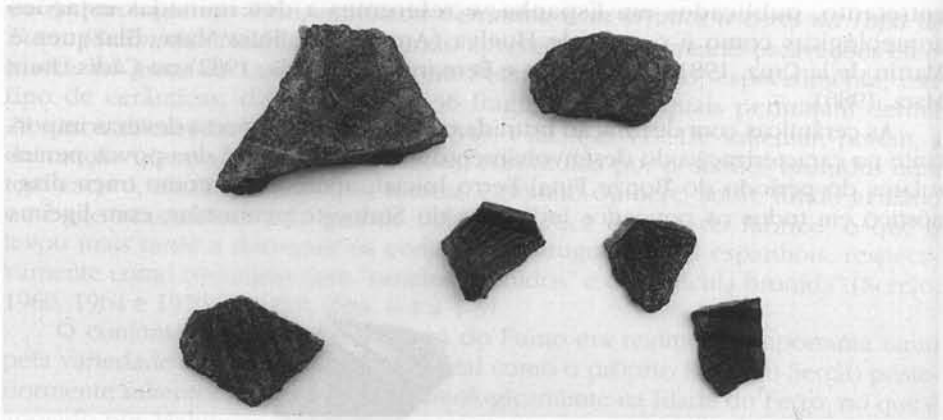


Fig. 4 – 3 - Cerâmicas com decoração brunida do castro dos Ratinhos.

irradiações para norte e oeste desta grande zona geográfica. De salientar que a informação que possuímos destas cerâmicas é muito mais completa em Espanha do que em Portugal, aspecto que esperamos venha a ser alterado nos próximos anos. Pelas formas predominantes e pela decoração brunida que apresentam, podemos assim considerar dois grupos distintos:

Tipo A, frequente em Portugal, nomeadamente na Estremadura e Alto Alentejo;

Tipo B, frequente em Portugal, especialmente a sul do Tejo, e Espanha, nomeadamente em Huelva e no vale do Guadalquivir;

Tipo A - Podemos considerar este tipo como o mais antigo, surgindo em vasos de formas altas e cónicas, com carena alta. A decoração, seguindo um padrão geométrico simples, baseado em triângulos e linhas paralelas ou cruzadas, é aplicado na parede externa do vaso, geralmente nas proximidades do gargalo. A maior parte destes vasos apresenta paredes altas, quase verticais, quer arrancando de uma carena igualmente alta, quer de uma carena baixa e conferindo ao vaso um aspecto elegante e alongado (Schubart, 1975, Abb. 20 e Tf. 60; Arnaud, 1979, figs. 10 e 11; Spindler e Ferreira, 1973, p. 60-108; Serrão, op. cit. 1970, fig. I, 13; fig. II, 1 e 5; fig. III, 5; Kalb e Hock, 1984, p. 92-102; Marques, 1972).

A sua área de ocorrência estende-se pela bacia do Tejo, na sua zona norte, em especial na península de Lisboa, como por exemplo no Monte da Pena e também no Vimeiro (Torres Vedras) (Madeira et al., 1972, p. 207-212) mas mais abundantemente na margem sul, na zona da Arrábida, nomeadamente na gruta da Lapa do Fumo (Sesimbra) (Cunha Serrão, 1958, n.º 6), Alpiarça (Santarém) (Schubart, 1971, p. 15 e 16), e mais a sul na Coroa do Frade e Castelo do Giraldo (Évora) (Arnaud, 1979, n.º 1).

As formas altas, de tipo de pastas pouco depuradas, mesmo grosseiras em alguns casos e o seu aparecimento em contextos mais ligados a cerâmicas da Idade do Bronze, como é claramente o caso dos povoados da Coroa do Frade e do Castelo do Giraldo, levam-nos a considerar estas cerâmicas cronologicamente mais próximas do período do Bronze Final e, portanto, ligeiramente anteriores ao Tipo B, embora tivessem perdurado simultaneamente, como parece ser o caso na Lapa do Fumo (Schubart, 1975, p. 133-144; Amo, 1975; Almagro Gorbea, 1977; Arnaud, 1979, 89; Gamito, 1986, p. 337-338)[4].

Tipo B - Apresenta taças abertas, com carena alta e bordos ligeiramente extravasados para fora, e isso em ambas as zonas de distribuição, pelo que julgamos que não se devem considerar separadamente. Esta mesma ideia aparece já sugerida por Eduardo Serrão no seu trabalho de 1970. A decoração brunida, segundo padrões geométricos precisos e simples, formando triângulos e losângulos preenchidos, de uma maneira geral, por linhas paralelas ou cruzadas, também não difere profundamente da que se encontra em Huelva e na bacia do Guadalquivir, embora aqui se note a introdução frequente de motivos em espinha e que julgamos tratar-se de um fenómeno específico daquela zona, constituindo como que uma diferenciação regional dentro desta área. Consideramos assim nestas cerâmicas dois subtipos principais: **B1, B2,** este apresentando duas variantes, e possivelmente um terceiro subtipo: **B3.**

O Subtipo B1 apresenta-se em taças abertas e de bordos salientes, abrindo para fora, com ligeira carena sob o bordo. A decoração brunida situa-se nas paredes externas do vaso e apresenta padrões geométricos complexos em triângulos, losângulos ou trapézios, preenchidos ou separados por linhas paralelas ou cruzadas, sobre fundo bege ou cinzento. A sua área de dispersão centra-se na Estremadura portuguesa, nomeadamente na Gruta do Vimeiro, Cova da Moura (Torres Vedras) e *tholos* do Monte da Pena (Barro, Torres Vedras), Cabeço dos Moinhos (Mafra), castro de Pragança (Cadaval), gruta do Fojo dos Morcegos (Assafora, Sintra), túmulo do Monge (Sintra), grutas do Poço Velho (Cascais), da Ponte da Laje (Oeiras) e da Lapa do Fumo (Sesimbra), túmulo de Roça do Casal do Meio (Sesimbra), castro de Chibanes (Palmela), mais a sul, no Alentejo, nos castros de Mangancha (Aljustrel) e Mesa dos Castelinhos (Ourique), túmulo da Nora Velha (Ourique), gruta de "Ibn Amar" (Lagoa) e na sua dispersão mais a norte nos castros de Tavarede e de S.ta Olaia (Figueira da Foz), Coimbra, e para este no Monte de São Martinho (Castelo Branco) e Castelo de Caratão (Mação).

O Subtipo B2 apresenta-se, tal como salientamos, de um modo geral e igualmente em taças abertas com bordo saliente, abrindo para fora, e ligeira carena. A decoração situa-se no interior das taças e consiste em padrões geométricos semelhantes aos do **Subtipo B1**, desenhados também sobre um fundo ligeiramente mais claro, em traços escuros mais contrastantes. O fundo pode ser por

[4] Em alguns casos observou-se que estas cerâmicas ocorriam ainda e simultaneamente com as taças abertas, que nos parecem mais recentes. Em Portugal, as dificuldades no estabelecimento de uma cronologia absoluta residem principalmente no facto de existirem muito poucas datações de radiocarbono para contextos em que estas cerâmicas ocorrem, quer por terem sido objecto de escavações antigas quer por não se terem obtido datações por outras razões.

vezes cinzento ou cinzento amarelado, e o desenho a preto ou castanho. A sua área de dispersão centra-se, essencialmente, no Sudoeste espanhol, embora se possa distinguir aqui uma ligeira diferenciação regional na decoração das cerâmicas de Huelva e na das cerâmicas da bacia do Guadalquivir. As cerâmicas da zona de Huelva, nomeadamente em Cabezos de San Pedro e de La Esperanza, La Rábida, Niebla e Cerro Salomon (Rio Tinto), e a do Guadalquivir em, nomeadamente, no Cerro do Carambolo, Carmona, Valencina de la Concepción e Lora del Rio (Sevilha), Asta Regia (Cádis), Cerro del Mar (Granada), Toscanos (Málaga), Cerro de los Quemados (Córdova) apresentam ligeiras diferenciações. Esta distinção regional também aparece mencionada em Lopez Roa, sendo a sua cronologia situada nos séculos VIII a VI a.C. (Schubart, 1975, p. 133-144; Carriazo, 1973; Pellicer Catalan, 1977; Ruiz Mata, Blazquez e Martin de la Cruz, 1981; Lopez Roa, 1977, especialmente figs. 1 e 12).

O Subtipo B3 apresenta taças igualmente abertas e de bordos salientes, com ligeira carena sob o bordo, mas a decoração brunida, com padrões semelhantes aos dois subtipos atrás mencionados, é aplicada em ambas as superfícies do vaso. Dada a sua ocorrência se limitar a apenas alguns castros do Alentejo e em Sevilha, e sempre conjuntamente com cerâmicas idênticas às das respectivas regiões, quase que podemos considerar este Subtipo, tal como anteriormente aparece na literatura da especialidade a ela referida, como o produto de uma zona de contacto, em que a aplicação da decoração se dá no interior ou no exterior dos vasos. Tal é o caso de alguns vasos de Arcos de la Frontera (Cádis) (Schubart, 1971, figs. 7, 8 e 11), do castro dos Ratinhos (Moura, aqui agora referido), dos castros da Crespa e da Misericórdia (Moura)[5], de Segóvia (Elvas)[6], Medellin (Mérida), Cova del Escobar (Badajoz) e gruta de "Ibn Amar" (Lagoa) (Amo, 1973)[7], situando-se a sua cronologia igualmente entre os séculos VIII e VI a.C.

A técnica de brunido aplicada no acabamento de cerâmicas finas era já bastante antiga, mas a associação de ornatos brunidos sobre superfícies igualmente brunidas é uma novidade característica do Bronze Final e que se prolonga na Idade do Ferro. Estas cerâmicas, nas suas formas tardias, já aparecem associadas, ou juntamente, com outras cerâmicas de carácter nitidamente céltico, como é, por exemplo, o caso das taças brunidas e de pé alto das culturas da Meseta ou das cerâmicas estampilhadas. Existe assim um tipo mais antigo, e que julgo dever localizar-se no Bronze Final, constituído por vasos de formas altas, fechadas e carenadas, encontrando-se os efeitos de decoração brunida na zona supe-

[5] Por gentil informação do Eng. António Monge Soares. Posteriormente, também com ele efectuámos uma visita a estes castros em que recolhemos, à superfície, mais alguns fragmentos de cerâmica.

[6] A ser publicada na monografia sobre Segóvia, publicação conjunta da autora, Prof. John Evans e José Morais Arnaud.

[7] "Ibn-Amar", nome designado a esta gruta sobre o rio Arade (Algarve), foi estudada por Carl Harbsoe e por José Pedro da Costa, tendo sido apresentada nas Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia encontra-se na sua maior parte ainda inédito, apenas se tendo publicado em 1971: *Estudo da fauna malacológica no espólio da Gruta natural de Ibn Amar.* In «II Congresso Nacional de Arqueologia». Coimbra, p. 599-616.

rior do bojo ou no gargalo do vaso (Coroa do Frade, Alpiarça, Monte da Penha, etc.) e as formas mais recentes, constituídas pelas taças abertas de bordo extravasado e carena alta sob o bordo (Lapa do Fumo, Segóvia, Ratinhos, Medellin, etc.). A figura 7 apresenta claramente as áreas de distribuição destas cerâmicas.

3. A cerâmica de retícula brunida do castro dos Ratinhos

O castro dos Ratinhos é um poderoso castro fortificado, rodeado por duas linhas de muralhas, apresentando uma pequena acrópole no seu cimo. Encontra-se localizado sobre um monte isolado na margem esquerda do Guadiana, dominando parte do seu curso (figs. 1, 2, 3 -12 e 4). O seu levantamento, na escala de 1:2000, dá uma ideia das suas características topográficas (fig. 3).

Mencionado e em parte prospectado por Fragoso de Lima nunca foi propriamente estudado, encontrando-se a maior parte dos seus materiais ainda inéditos. Os fragmentos de cerâmica com decoração de retícula brunida encontram-se entre estes.

O Museu Nacional de Arqueologia possui, entre os materiais do castro dos Ratinhos, 8 fragmentos de cerâmica com decoração de retícula brunida (fig. 5) que faziam parte de taças abertas, de bordos extravasados e carena alta junto ao bordo, fabricados com pastas bem depuradas e finas, que serão descritos seguidamente:

1. Decoração: este fragmento apresenta a decoração em retícula brunida sobre um fundo de cor bege-acinzentada e sobre as duas superfícies do vaso: a retícula acastanhada forma, na face interna, losangos finos com o limite sublinhado por três linhas paralelas, a face externa apresenta um desenho mais complexo, mas também em linhas paralelas, com os contornos sublinhados por uma linha mais espessa (fig. 5 - 1).

Pasta: a pasta apresenta-se homogénea, com desengordurante arenoso, ligeiramente grosseiro; cozedura oxidante.

2. Decoração: este fragmento apresenta uma decoração em retícula brunida sobre um fundo de cor cinzenta média e sobre as duas superfícies do vaso: na face interna, a retícula negra forma uma quadrícula oblíqua fina, sublinhada por traços verticais grossos e paralelos; na face externa, de fundo ligeiramente avermelhado, apresenta uma decoração constituída apenas por linhas mais espessas paralelas (fig. 5 - 2).

Pasta: a pasta é homogénea, com desengordurante fino; cozedura redutora.

3. Decoração: este fragmento de um bordo apresenta uma ligeira carena e a decoração em retícula brunida sobre fundo de cor bege-acinzentada ligeiramente avermelhado, e apenas sobre a superfície externa do vaso. A retícula castanha escura, quase negra, muito fina, forma um desenho complexo de linhas paralelas oblíquas, sublinhadas por dois traços horizontais grossos. A face interna é apenas de cor negra brunida (fig. 5 - 3).

Pasta: a pasta é fina, com desengordurante igualmente fino e cozedura redutora.

4. Decoração: este fragmento apresenta uma decoração em retícula brunida sobre fundo cinzento claro e apenas sobre a superfície externa do vaso. A retícula forma um desenho de linhas finas

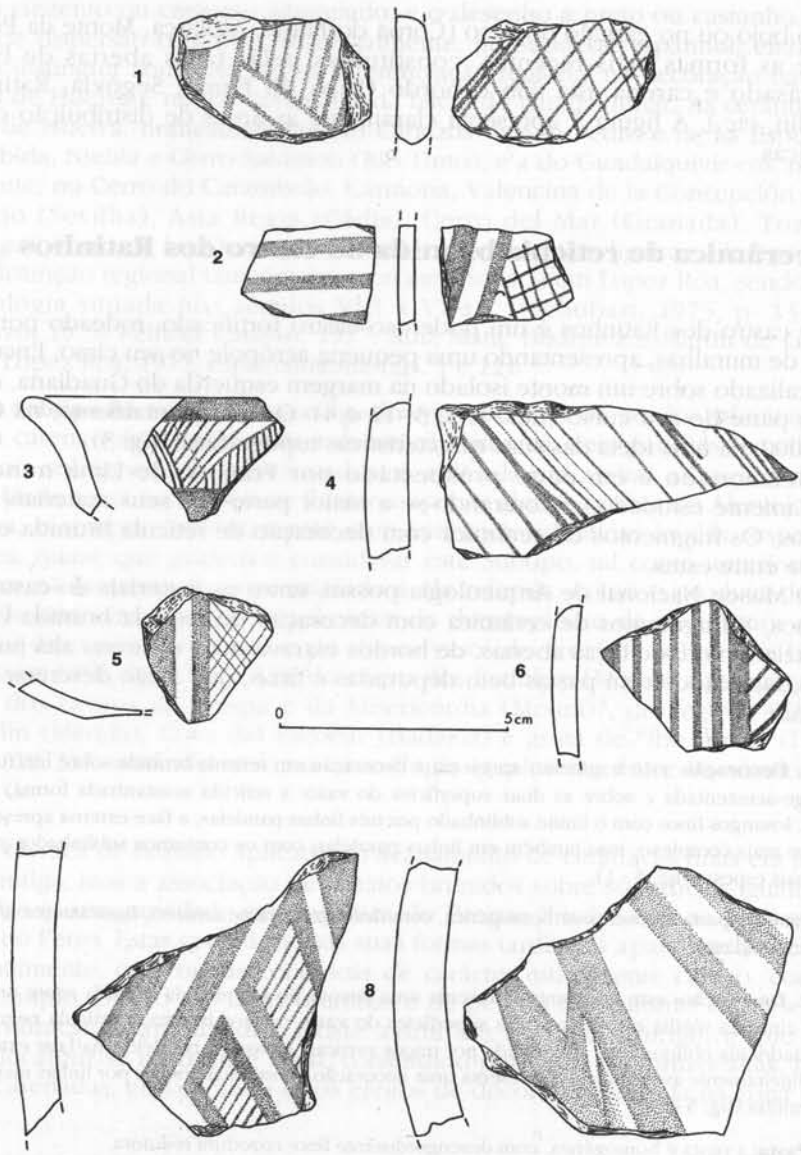


Fig. 5 – A cerâmica brunida do castro dos Ratinhos.

e paralelas, por vezes mais grossas, num padrão mais ou menos aleatório. A face interna é de cor ligeiramente avermelhada e brunida (fig. 5 - 4).

Pasta: a pasta é fina, com desengordurante arenoso fino e cozedura redutora.

5. Decoração: este fragmento de um fundo de vaso apresenta uma decoração em retícula brunida sobre fundo cinzento acastanhado e sobre a superfície externa do vaso. A retícula é negra,

formando um desenho em losangos finos, sublinhados por traços finos verticais, que terminam numa faixa mais espessa. A face interna é de cor castanho-avermelhada brunida (fig. 5 - 5).

Pasta: a pasta e o desengordurante são finos, com cozedura redutora.

6. Decoração: este fragmento apresenta uma decoração em retícula brunida sobre fundo bege claro e sobre a superfície externa do vaso. A retícula é fina, num desenho de traços acastanhados paralelos, em linhas verticais e oblíquas. A face interna do vaso não apresenta decoração e é castanho-avermelhada, brunida (fig. 5 - 6).

Pasta: a pasta e o desengordurante são um pouco grosseiros, a cozedura ligeiramente oxidante.

7. Decoração: este fragmento apresenta uma decoração em retícula brunida sobre fundo bege claro, por vezes alaranjado, parecendo pintado, apenas sobre a superfície externa do vaso. A retícula é castanho escura, formando desenhos complexos de faixas paralelas finas terminando por um contorno mais espesso. Forma uma espécie de pétalas. O desenho é limitado por faixas paralelas menos acentuadas. A face interna é de cor uniforme castanho-tijolo escuro, brunida (fig. 5 - 7).

Pasta: a pasta é homogénea, com ligeira camada alaranjada, pela penetração do engobe interno alaranjado, o desengordurante é fino e arenoso, a cozedura redutora.

8. Decoração: este fragmento pertencia a um grande vaso de paredes espessas, apresentando uma decoração brunida sobre fundo cinzento escuro e apenas sobre a superfície externa do vaso. A retícula é de cor negra formando desenhos de faixas paralelas oblíquas. A face interna é de cor uniforme castanho-escura brunida (fig. 5-8).

Pasta: a pasta e o desengordurante são ligeiramente grosseiros, apresentando um núcleo mais escuro, a cozedura redutora.

4. Conclusão

O estudo mais detalhado do castro dos Ratinhos poderá fornecer mais dados sobre a ocorrência destas cerâmicas, nomeadamente em aspectos ligados aos seus contextos estratigráfico e cronológico, variedade de padrões decorativos e abundância relativa de vasos deste tipo.

Embora técnicas de brunido já tivessem sido aplicadas anteriormente na finalização de cerâmicas mais depuradas, como é o caso de cerâmicas brunidas do Neolítico e do Calcolítico de toda a bacia do Mediterrâneo, deveremos procurar as suas raízes entre as manifestações mais tardias das culturas materiais da Europa Ocidental. Na verdade, observa-se no final do segundo milénio e inícios do primeiro milénio a.C. o aparecimento de cerâmicas com decoração brunida no segundo período da cultura de Golasecca (Jully, 1960, p. 332 e seguintes, fig. 3) e que, por sua influência, se transmitem às culturas de Hallstatt e daqui à Boémia e Europa Central (Zambotti, 1939; Soudska, 1968, p. 136 e seguintes). A sua presença na Península Ibérica é detectada por Bonsor, nos seus trabalhos sobre o sul de Espanha em 1899 (Bonsor, 1899, p. 13 e seguintes), mas não lhes confere o interesse e atenção que Cunha Serrão lhes veio a dedicar, passando assim praticamente despercebidas.

As técnicas de decoração com efeitos brunidos sobre a superfície de vasos igualmente brunidos parece ter sido aplicada a determinados tipos de cerâmicas

finas desde os séculos IX-VIII ao século VI a.C. Se para alguns autores ela não passa do século VII a.C. (Schubart, 1971; Belen, Fernández-Miranda e Garrido, 1977), para outros prolonga-se até ao século VI a.C. Segundo podemos observar na estratigrafia de Segóvia ela aparece ainda num fundo de lareira sob o grande edifício da Zona B, e com uma datação por radiocarbono de cerca 520 a.C.:

BM-2287	2460+180 BP	cal -840 -200

São também datações semelhantes as que se obtiveram para o estrato 4 de Carmona[8].

KN8 Carmona	2470+120BP	cal -840 -200
H-1037/1550	2400+50BP	cal -770 -395

Embora as técnicas de decoração de efeitos brunidos sobre a superfície de vasos igualmente brunidos já se tivessem desenvolvido nas culturas de Golassecca e Hallstatt, e daí sido possivelmente transmitidas para outras zonas da Europa e chegado ao Sudoeste peninsular, aqui apresentou outras características, nomeadamente nas formas dos vasos onde aparecem aplicadas. Nesse sentido, dever-se-á considerar que a origem deste tipo específico de cerâmicas se deu no Sudoeste peninsular, embora tendo sofrido possíveis influências de cerâmicas congéneres de tipo hallstattico que penetraram pela mesma época na Península Ibérica, acompanhando outros fenómenos que então aqui também se observam, como é o caso de grande parte dos elementos decorativos das estelas de tipo "Extremadura", aspectos já por nós sugeridos em 1986 e 1988 (Gamito, 1986 e 1988, nomeadamente os capítulos 2.2.4. e 2.2.5.).

De recordar ainda os desenhos geométricos – simples linhas paralelas, losangos, triângulos, trapézios, efeitos de xadrez – que aparecem neste tipo de decoração e que afinal surgem também na decoração das jóias peninsulares do Bronze Final/Ferro Inicial, e cuja área de dispersão é idêntica à destas cerâmicas de retícula brunida (figs. 6 a 8). A figura 8 apresenta ainda os locais de ocorrência de outras jóias peninsulares contemporâneas destas aqui referidas e que apresentam influências diferentes, nomeadamente orientalizantes.

Não podemos deixar de mencionar estes exemplares da ourivesaria do Sudoeste peninsular pela importância que o fenómeno revela: são todas elas jóias de origem peninsular, isto é, o produto da manufactura de artífices peninsulares, por vezes usando técnicas complexas como as de granulação e filigrana, há pouco introduzidas na Península, mas ainda tocando, pela sua contemporaneidade, com os torques maciços atrás referidos, dos quais não possuímos quaisquer contextos seguros, sendo todos oriundos de depósitos ou tesouros escondidos há muito, ou encontrados e transaccionados sem outras referências. Na verdade, mesmo que os torques maciços com decoração geométrica incisa

[8] As escavações aí levadas a cabo por J. D. M. Carriazo e K. Raddatz e onde se recolheram amostras de carvões de madeira, posteriormente processadas nos Laboratórios de Colónia e Heidelberg por H. Schwabdissen e J. Freundlich e publicadas em 1966, na *Radiocarbon*. Tucson. 8. p. 245.

possam ser considerados um pouco anteriores, prolongaram-se certamente, tal como a cerâmica, até ao século VI a.C. Aspecto que nos sugere os braceletes de Grândola, que, usando as técnicas de cera perdida e de granulação, apresentam os terminais em campânula como os torques de Sintra. Este momento terá correspondido também ao apogeu da cultura Tartéssica no Sudoeste peninsular.

Não podemos deixar de salientar este aspecto: não só o estudo das cerâmicas nos permite dar um contexto cronológico mais preciso às jóias do Sudoeste peninsular, como estamos perante um fenómeno muito específico que se verifica nesta zona da Península Ibérica, reflectindo uma intencionalidade no uso de elementos decorativos especiais que ocorrem sempre que se pensa em decorar algo. Essa coincidência corresponde por certo a uma identidade sociocultural muito específica, e que no nosso entender é já a que vemos, pela mesma época, designada por **Tartessos** pelos autores clássicos.

Fig. 6 – 1 - Colar de Sintra; 2 a 4 - Colares de Moura, segundo Coffyn (1985).

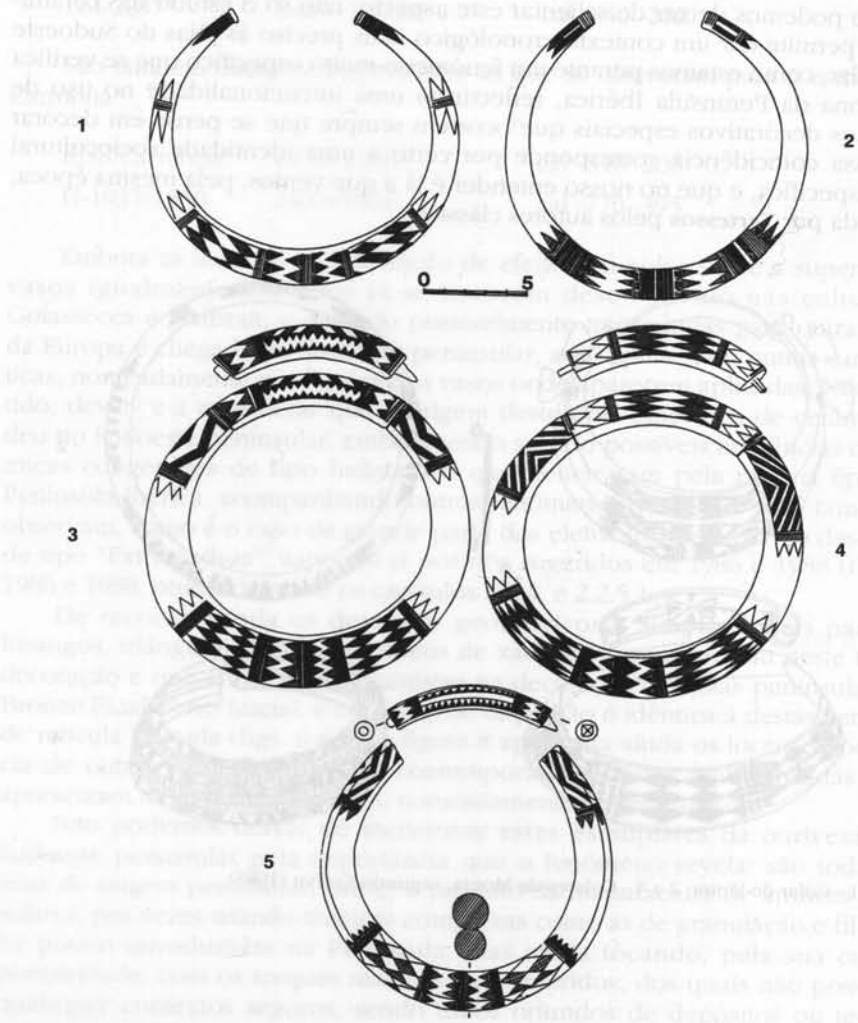


Fig. 7 – 1 e 2 - Colares de: 3 - Colar de Portel; 4 - Colar de Penela; 5 - Colar de Sagrajas, segundo Coffyn (1985).

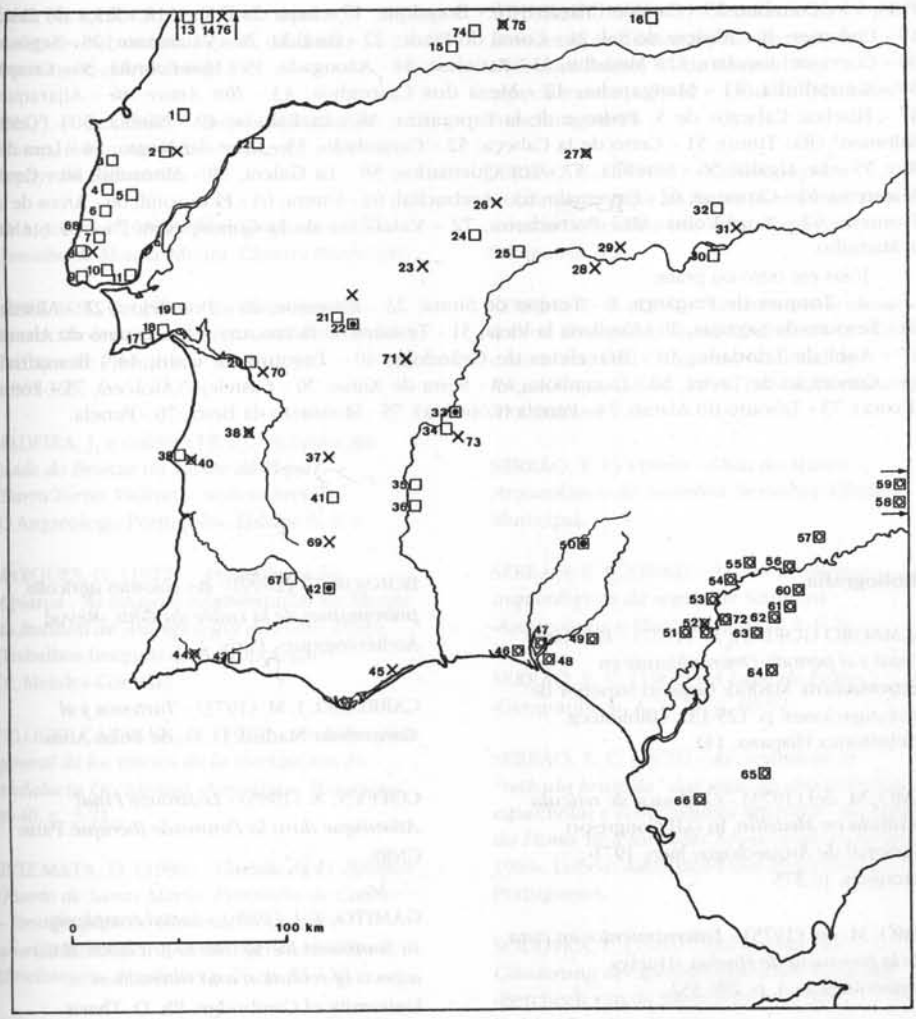


Fig. 8 – Áreas de dispersão das cerâmicas de retícula brunida e das jóias peninsulares do Bronze Final/ Ferro Inicial.

□ Cerâmica de retícula brunida – Tipos A e B1

◎ Cerâmica de retícula brunida – Tipos B2

◉ Cerâmica de retícula brunida – Tipos B3

x Cerâmica de retícula brunida – Tipos B3

⊠ Cerâmica de retícula brunida – Tipos B3

Cerâmica brunida:

1 - Bocas (Rio Maior); 2 - Pragança; 3 - Gruta do Vimeiro; 4 - Cabeço dos Moinhos; 5 - Cova da Moura; 6 - Monte da Pena; 7 - Fojo dos Morcegos; 8 - Monge (Sintra); 9 - Gruta do Poço Velho; 10 - Gruta da Ponte da Laje (Oeiras); 11 - Lisboa; 12 - Alpiarça (Santarém); 13 - S.ta Olaia (Figueira da

Foz); 14 - Coimbra; 15 - Caratão (Mação); 16 - Boquique; 17 - Lapa do Fumo; 18 - Roça do Casal; 19 - Chibanes; 20 - Alcácer do Sal; 21 - Coroa do Frade; 22 - Giraldo; 24 - Vaiamonte; 25 - Segóvia; 30 - Cueva del Escobar; 32 - Medellin; 33 - Ratinhos; 34 - Azougada; 35 - Misericórdia; 36 - Crespa; 39 - Cerradinha; 41 - Mangancha; 42 - Mesa dos Castenhos; 43 - *Ibn Amar*; 46 - Aljaraque; 47 - Huelva: Cabezos de S. Pedro e de la Esperanza; 48 - La Rábida; 49 - Niebla; 50 - "Cerro Salomon" (Rio Tinto); 51 - Cerro de la Cabeça; 52 - Carambolo; 53 - Cruz del Negro; 54 - Lora del Rio; 55 - La Algaba; 56 - Setefilla; 57 - Los Quemados; 58 - La Galera; 59 - Monachil; 60 - Cerro Macareno; 61 - Carmona; 62 - Entremalo; 63 - Acebuchal; 64 - Utrera; 65 - El Coronil; 66 - Arcos de la Frontera; 67 - Nora Velha; 68 - Portucheira; 72 - Valencina de la Concepción; 74 - Monte de S. Martinho.

Jóias em ouro ou prata:

2 - Torques de Pragança; 8 - Torque de Sintra; 23 - Estremoz; 26 - Portalegre; 27 - Aliseda; 28 - Tesouro de Sagrajas; 29 - Orellana la Vieja; 31 - Tesouro de Berzocana; 34 - Tesouro do Alamo; 37 - Anel da Trindade; 38 - Braceletes de Grândola; 40 - Tesouro do Gaio; 44 - Bensafrim; 45 - Conceição de Tavira; 52 - Carambolo; 69 - Serra de Antas; 70 - Castelejo (Alcácer); 71 - Portel (Évora); 73 - Tesouro do Álamo; 74 - Penela (Coimbra); 75 - Monsanto da Beira, 76 - Penela.

Bibliografia

ALMAGRO GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el periodo Orientalizante en Extremadura.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones. p. 125-132. (Biblioteca Prehistorica Hispana; 14).

AMO, M. del (1973) - *Cerâmica de retícula bruñida en Medellin.* In «XII Congresso Nacional de Arqueologia, Jaen, 1971». Zaragoza. p. 375.

AMO, M. del (1975) - *Enterramientos en cista de la provincia de Huelva.* «Huelva Arqueológica». 4, p. 299-332.

ARNAUD, J. Morais (1979) - *Coroa do Frade.* «Madrider Mitteilungen». Heidelberg. 20, p. 56-100.

BELEN, M.; AMO, M. del e FERNÁNDEZ--MIRANDA, M. (1982) - *Sequência cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos IX-VI a. C.* «Huelva Arqueologica». Huelva. 6, p. 21-39.

BELEN, M. ; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. e GARRIDO, J. P. (1977) - *Los origines de Huelva. Excavaciones en los cabezos de San Pedro e la Esperanza.* «Huelva Arqueologica». Huelva. 3.

BONSOR, G. (1899) - *Les colonies agricoles prêromaines de la vallée du Bétis.* «Revue Archéologique». Paris. 2.

CARRIAZO, J. M. (1973) - *Tartessos y el Carambolo.* Madrid: D. G. de Belas Artes.

COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Peninsule Ibérique.* Paris: CNRS.

GAMITO, T. J. (1986) - *Social complexity in Southwest Iberia (8th to 3rd cents. B.C.) - aspects of evolution and interaction.* University of Cambridge. Ph. D. Thesis.

GAMITO, T. J. (1988) - *Social complexity in Southwest Iberia (800-300 B.C.) - The case of Tartesso.* Oxford: BAR.

GAMITO, T. J. (1990) - *O concelho de Moura na Proto-História. Moura na época Romana.* Moura: Câmara Municipal. p. 17-30.

JULLY, J. J. (1960) - *Poterie excisée, poterie peinte de style Méditerranéen et poterie au graphite à grotte Saint-Vérédenne, Sanbillac (Gard).* «Bulletin de la Société Préhistorique Française». 57:5-6.

KALB, Ph. e HOCK, M. (1984) - *Moron, historisch und archaeologisch.* «Madrider Mitteilungen». Heidelberg. 25.

LIMA, J. F. de (1960) - *Castro dos Ratinhos (Moura, Baixo Alentejo - Portugal).* «Zephyrus». Salamanca. 11.

LIMA, J. F. de (1988) - *Monografia do Concelho de Moura.* Moura: Câmara Municipal.

LÓPEZ ROA, C. (1977) - *La cerámica con decoración brunida en el suroeste Peninsular.* «Trabajos de Prehistoria». Madrid. 34, p. 361-365.

MADEIRA, J, e outros (1972) - *Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro/Torres Vedras) - notícia prévia.* «O Arqueólogo Português». Lisboa. S. 3, 6.

MARQUES, G. (1972) - *Arqueologia de Alpiarça - As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto.* Porto. (Trabalhos Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia).

PELLICER CATALAN, M. (1977) - *Problematica general de los inicios de la iberización en Andalucia Occidental.* «Ampúrias». Barcelona. 38-40, p. 3-21.

RUIZ MATA, D. (1986) - *Castillo de D. Branca (Puerto de Santa Maria, Província de Cadiz) - – Stratigraphische Untersuchung einer orientalisierenden Ansiedlung.* «Madrider Mitteilungen». Heidelberg. 26, p. 87-116.

RUIZ MATA, D., BLAZQUEZ, J. M. e MARTIN DE LA CRUZ, J. C. (1981) - *Excavaciones en el Cabezo de S. Pedro (Huelva) campaña de 1978.* «Huelva Arqueológica». Huelva. 5, p. 149-316.

SCHUBART, H. (1971) - *Acerca de la cerámica del Bronce Tardio en el Sur y Oeste Peninsular.* «Trabajos de Prehistoria». Madrid. 28, p. 3-32.

SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel.* Berlin: W. de Gruyter. Ver especialmente p. 59-62 e 136-150. (Madrider Forschungen; 9).

SERRÃO, E. C. (1958) - *Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos.* «Zephyrus». Salamanca. 9:2.

SERRÃO, E. C. (1959) - *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra).* In «Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958». Lisboa: Instituto de Alta Cultura. v. 1.

SERRÃO, E. C. (1960) - *Guia do Museu Arqueológico de Sesimbra.* Sesimbra: Câmara Municipal.

SERRÃO, E. C. (1962) - *Alguns problemas arqueológicos da região de Sesimbra.* «Arqueologia e História». Lisboa. S. 8, 9.

SERRÃO, E. C. (1964) - *A Lapa do Fumo.* «Geographica». A. 4, 15, p. 68-92.

SERRÃO, E. C. (1970) - *As cerâmicas de "retícula brunida" das estações arqueológicas espanholas e com "ornatos brunidos" da Lapa do Fumo.* In «I Jornadas Arqueológicas, Lisboa, 1969». Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

SOUDSKA, E. (1968) - *Ein beitrag zur Gliederung der spatballstattischen Keramik.* «Bercheen van de Rijskdiens voor het Duhheidjunding Rodemonderzoek». 18.

SPINDLER, K. e FERREIRA, O. da V. (1973) - *Der spatbronzezeitliche Kupelban von Roça do Casal do Meio.* «Madrider Mitteilungen». Heidelberg. 14.

ZAMBOTTI, P. Laviosa (1939) - *Civiltà Palafitticola Lombarda e civiltà di Golasecca.* Roma.